

Os *bracaraugustani* e os monumentos epigráficos: uma análise da presença do gênero feminino nas inscrições de *Bracara Augusta*

The 'Bracaraugustani' and the epigraphy monuments: an analysis of the female presence in the inscriptions of 'Bracara Augusta'

Raquel de Moraes Soutelo Gomes*

Resumo: Fundada em finais do século I a.C., *Bracara Augusta*, capital do *conuentus Bracaraugustanus* foi uma cidade dinâmica, com importantes funções jurídicas, religiosas e administrativas. Sua população constituída por membros dos mais diversos povoados fortificados envolventes, vivenciou uma cidade estruturada a partir dos padrões romanos e adotou alguns dos hábitos destes, como o impulso cultural para produzir inscrições. Os produtos de hábito epigráfico são aqui analisados para entendermos um pouco mais das mulheres bracaraugustanas, procurando com que frequência estavam representadas e em quais tipos de *tituli*, como eram referidas, se sozinhas ou associadas a homens, qual o seu estatuto jurídico, quais suas funções na comunidade e como foram lembradas por seus entes queridos quando faleceram.

Abstract: Founded at the end of the 1st century BC, *Bracara Augusta*, capital of the *conuentus Bracaraugustanus* was a dynamic city, with important administrative, juridical and religious functions. Its population formed by the various members of the hillforts that surrounded it, lived in an urban space, designed to follow Roman patterns, and adopted some of the Roman habits, like their cultural impulse to produce inscriptions. The products of this Roman custom are analyzed in this article, in search of a better understanding of the women that lived there, observing data that mentioned how they were presented, what was their social status and their activities in this community and also how they were remembered by their loved ones.

Palavras-chave:
Bracara Augusta;
Hábito epigráfico;
Gênero.

Keywords:
Bracara Augusta;
Epigraphic habit;
Gender.

Recebido em: 12/11/2015
Aprovado em: 18/12/2015

* Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho, Portugal, e colaboradora no projeto: Cotidiano e sociabilidades no Império Romano, uma parceria entre o Laboratório de Estudos sobre o Império Romano da Universidade Federal do Espírito Santo (LEIR/UFES) e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM).

Introdução

As cidades provinciais eram o espaço privilegiado para evidenciar o poder de Roma (BUSTAMANTE, 2006, p. 116), simbolizavam a ordem moral da sociedade como um todo (MENDES, 2007, p. 10) e eram os símbolos omnipresentes de um sistema religioso, político e social. As cidades eram parte essencial de uma estratégia imperial e militar para controlar e manter o território (REVELL, 2009, p. 49), servindo como centros de criação e difusão da cultura romana (MENDES; BUSTAMANTE; DAVIDSON, 2005, p. 24 e 37). Eram um modelo e o produto das experiências dos habitantes do Império, sendo construídas a partir dos conhecimentos sobre o modo de agir no cotidiano dentro de um contexto social (REVELL, 2009, p. 44).

Neste artigo, trabalharemos a cidade de *Bracara Augusta*, uma das cidades difusoras da cultura romana no noroeste da Península Ibérica. Uma localidade que desenvolveu hábitos romanos, como, por exemplo, o impulso cultural de produzir inscrições (MACMULLEN, 1982, p. 238), que será aqui analisado. O espólio epigráfico é para esta capital de *conuentus* uma fonte primordial para a compreensão da constituição de sua população, dos seus costumes e do seu quotidiano.

Fundada *ex novo* por Augusto e integrada na província da *Hispania Citerior*, no âmbito do programa imperial de reorganização das províncias hispânicas (MARTINS *et al.*, 2012, p. 31), *Bracara Augusta* possuía importantes funções jurídicas, económicas e religiosas, sendo a sua criação um modo de reafirmar a presença romana na região a Norte do Douro (MARTINS, 2000, p. 45). O seu espaço urbano, com cerca de 48ha, nos finais do século III, era definido pela área interior da muralha baixo-imperial e pelas necrópoles associadas aos principais eixos viários que ligavam esta cidade a outros centros urbanos e aglomerados secundários (CARVALHO, 2008, p. 155; MARTINS *et al.*, 2012, p. 57 e 60). Sua localização era estratégica, situando-se no coração da área ocupada pelos *Bracari*, o que a tornou muito atrativa para as populações indígenas, que vieram a formar parte do seu corpo cívico (MARTINS *et al.* 2012, p. 33 e 36; TRANOY, 1980, p. 72).

Para estudar o contexto social desta cidade, as particularidades da população que aí habitava e a sua evolução utilizaremos como fonte de estudo a Epigrafia, uma ferramenta essencial neste tipo de análise em ambiente provincial, pois nos fornece informações sobre alguns membros da sociedade, ou seja, aqueles que efetivamente adotaram o hábito epigráfico romano. Este era um dispositivo no qual estes indivíduos podiam descrever as suas identidades públicas, gravando para sempre as suas conquistas e relações com os deuses, com outros homens, com o Império e com a própria cidade (WOOLF, 1996, p. 39). O hábito epigráfico foi, então, um dos frutos do processo de

“romanização” das províncias. Desta maneira, era um dos elementos da transformação social, cultural, econômica, política e religiosa, multifacetada em seus significados e mecanismos, que decorria da negociação bidirecional entre a cultura romana e aquela que caracterizava as diversas comunidades indígenas (MENDES; BUSTAMANTE; DAVIDSON, 2005, p. 41).

Utilizando estes monumentos como reflexo da sociedade bracaraugustana, iremos analisar a composição da comunidade, apresentando primeiramente uma breve introdução aos estudos anteriores, os dados gerais sobre a composição do *corpus* epigráfico de Braga e os resultados deste estudo que procurou entender melhor a questão do gênero e dos contextos sociais e profissionais revelados nestas fontes.

O estudo da Epigrafia bracarense

O estudo da sociedade bracaraugustana tem como mais relevantes e recentes os estudos realizados por Alain Tranoy e Patrick Le Roux, por Armando Redentor e Manuela Martins. Os dois primeiros investigadores (TRANOY; LE ROUX, 1989-1990) analisaram o material das quatro necrópoles conhecidas até aos finais dos anos 80 do século passado, procurando fazer um catálogo, no qual valorizaram a onomástica, a origem dos nomes identificados e também a cronologia de cada inscrição, em busca de cruzar os dados obtidos com as escavações arqueológicas. Por sua vez, Alain Tranoy (1980) analisou a sociedade bracaraugustana a partir das epígrafes votivas, considerando os estatutos jurídicos e os deuses que os habitantes adoravam para compreender o processo de “romanização” e a sua aceitação por parte da população urbana. Já em sua tese, Tranoy (1981) analisou os dados no quadro de toda a Galécia romana, valorizando a composição da sociedade: os nomes de família; a penetração da onomástica latina; a permanência de alguns testemunhos da onomástica indígena; as gentilidades; as centúrias e as formas de filiação, dividindo os resultados por *conuentus*.

Mais recentemente, Armando Redentor (2011), no âmbito da sua tese de doutoramento, elaborou um catálogo atualizado das inscrições da fachada ocidental do *conuentus bracaraugustanus* e um estudo extensivo sobre estas, no qual explorou, entre outros assuntos, o estatuto jurídico dos membros da população referida nas inscrições da fachada ocidental do convento, incluindo a cidade de *Bracara Augusta* e sua área envolvente. Abordou também elementos como a profissão dos dedicantes, as eventuais relações familiares e a constituição de sua onomástica, analisando as suas formas, origens e frequência com que aparecem. Finalmente, Manuela Martins (MARTINS *et al.* 2012), ao sintetizar os resultados de 35 anos de pesquisa, utiliza os

dados arqueológicos e epigráficos para caracterizar a população de *Bracara Augusta*, o seu urbanismo e arquitetura, mostrando que a cidade possuía um forte componente de libertos e escravos e que os cidadãos ali representados eram algumas vezes originários de outras áreas próximas da capital conventual, na sua grande maioria indígenas promovidos.

Os *bracaraugustani* e o hábito epigráfico: uma abordagem do gênero

Para ampliar o nosso conhecimento sobre a sociedade de *Bracara Augusta* daremos, neste artigo, prioridade ao estudo das mulheres bracaraugustanas, tendo em vista compreender melhor: com que frequência estas são representadas na Epigrafia e em que tipo de inscrições; a relação entre a sua representação e a evolução do hábito epigráfico na cidade; como eram representadas, se sozinhas ou associadas a outros homens e mulheres e quais as relações com estas eventuais pessoas; o seu estatuto jurídico e as atividades que exerciam na sociedade, comparando a expressão destes dados com aqueles que se referem aos membros masculinos da comunidade.

Os estudos de gênero na província da Hispânia romana ligados às fontes epigráficas são variados. Entre os mais significativos salientamos as pesquisas de Albertos Firmat (1977) e Vázquez Hoys (1982-1983), em contexto ibérico, e de Luís Fernandes (1998-1999) no contexto do *conuentus scallabitanus*, que procuraram entender melhor a onomástica feminina, as funções da mulher na sociedade romana provincial e as suas relações com seus familiares e com os deuses. Trabalhos que nos auxiliaram, juntamente com a tese de doutorado de Redentor (2011), a interpretar as informações reveladas pelo material epigráfico da parte urbana da cidade de *Bracara Augusta*.

O nosso estudo fundamentou-se no *corpus* de Armando Redentor (2011, 2)¹ para a fachada ocidental do *conuentus bracaraugustanus*, tendo sido selecionadas 92 inscrições.² Estas permitiram delinear as características da população que habitou a cidade de *Bracara Augusta* durante o período romano.

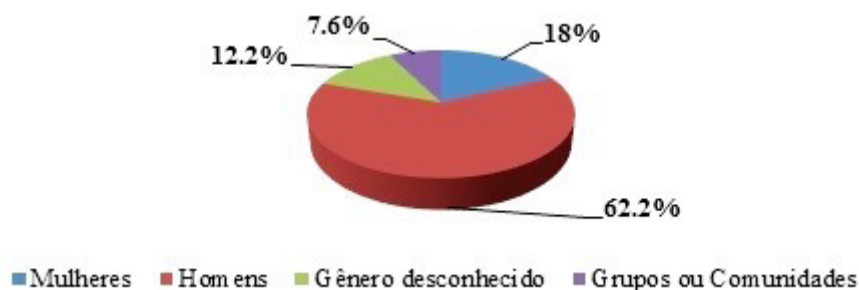
Primeiramente vamos tentar identificar as pessoas que foram referidas nos textos das inscrições, a fim de percebermos a representação de cada gênero. Dividimos, assim,

¹ Todas as inscrições aqui mencionadas apresentam o mesmo número do catálogo de Armando Redentor (2011, 2), disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt>.

² Ver Armando Redentor (2011, 2, n.: 4, 5, 18, 22, 36, 38, 40, 44, 45, 50, 51, 58, 66, 78, 95, 96, 97, 104, 130, 146, 148, 153, 154, 155, 157i, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 169, 171, 178, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 203, 204, 212, 213, 215, 220, 223, 224, 228, 229, 232, 236, 237, 242, 245, 253, 258, 259, 260, 262, 265, 269, 279, 284, 285, 286, 294, 297, 300, 304, 305, 306, 309, 310, 311, 314, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 327, 328, 330, 331, 335, 336, 338 e 339).

a amostra entre homens e mulheres,³ grupos e coletividades⁴ e também indivíduos de gênero desconhecido por falta de informação.

Figura 1 - A comunidade bracaraugustana representada no *corpus* epigráfico



Neste gráfico (Fig. 1), notamos a predominância clara da representação de homens nas inscrições da cidade, com 62,2% (107), enquanto as mulheres se encontram bem menos representadas, com 18% (31). Um resultado que corrobora o que já havia sido afirmado nos trabalhos de Albertos Firmat (1977, p. 179) de que existem pouco vestígios sobre a vida das mulheres da Península Ibérica durante o domínio romano. Um fator que pode se justificar pelo papel meramente familiar que algumas destas desenvolveram na sociedade romana, ligada ao cuidado do lar e de seus filhos (VÁZQUEZ HOYS, 1982-1983, p. 107).

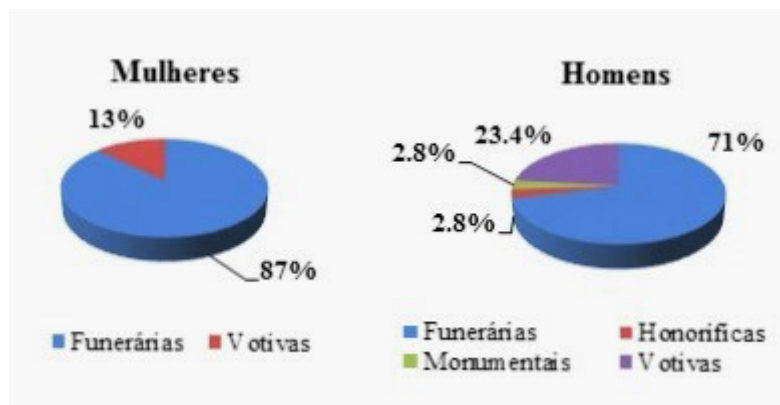
Após esta definição, já prevista de que as mulheres apareciam menos figuradas que os homens nos monumentos epigráficos de *Bracara Augusta*, procurámos verificar em que tipos de inscrições se encontram elas mais representadas, se nas funerárias, votivas, honoríficas ou monumentais, em busca de percebermos um pouco melhor o seu papel e lugar na sociedade bracaraugustana. A nossa análise permitiu evidenciar que, nas inscrições sobreviventes, as mulheres aparecem somente nas epígrafes de

³ Incluímos nestas estatísticas os nomes repetidos em inscrições com a mesma cronologia, pois pelos indivíduos possuírem nomes comuns (como, por exemplo, *Arquius*, filho de *Cantaber*) e as inscrições serem datáveis de um período relativamente longo (71-130 d.C.), optámos por contabilizá-los como indivíduos diferentes, já que não temos forma de saber se são a mesma pessoa. Ver inscrições em Armando Redentor (2011, 2, n. 5 e 36). Também não contabilizamos as pessoas que temos a certeza que não eram habitantes da área urbana de *Bracara Augusta*, como os indivíduos representados nas seguintes inscrições do catálogo de Armando Redentor (2011, 2): 153 (*Caius e Lucius Caesar*, membros da família imperial); 154 (*Marcus Agrippa*, neto de *Augustus*, membro da família imperial); 159 (*Flavius Constantinus Maximus*, Imperador); 157i (*Marcus Aurelius Antoninus e Lucius Aurelius Commodus*, Imperadores); 163 (*Caesar Augustus*, Imperador); e 165 (*Caius Caetronius Miccio*, senador e *Praefectus reliquorum exigendorum populi Romani*).

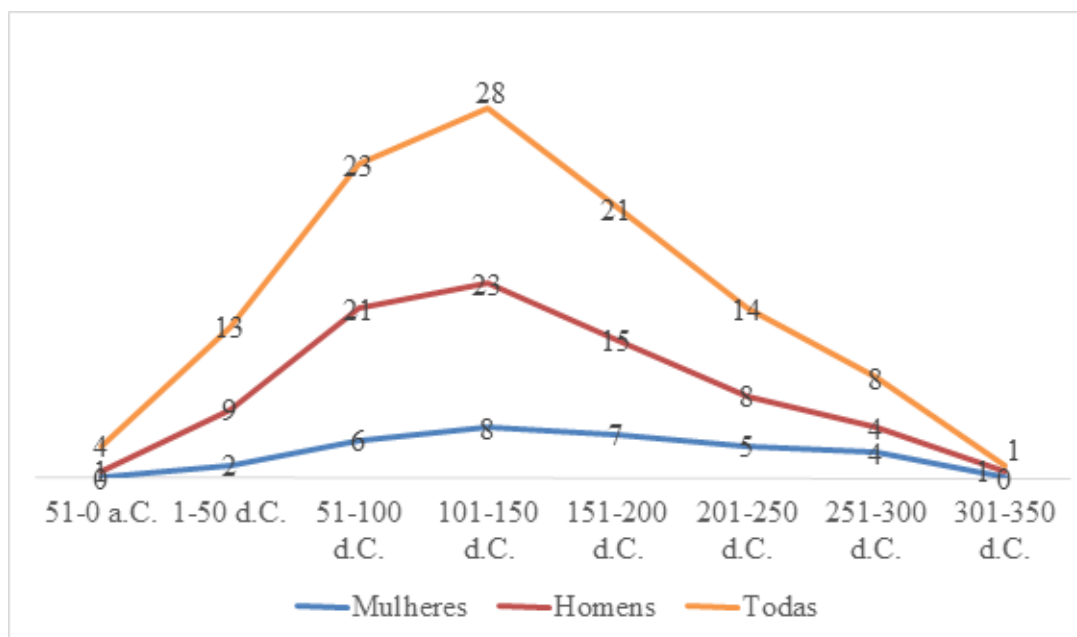
⁴ Consideramos como grupos e coletividade todos os casos em que era impossível calcular o número exato de membros abrangidos pelos termos utilizados, como acontece nas seguintes inscrições do catálogo de Armando Redentor (2011, 2): 153 e 155 (*Callaecia*); 154 (*Bracaraugustanus*); 165 (*cieus romani qui negociantur Bracara Augusta*); 166 (*Conuentus Bracaraugustanus*); 169 (decuriões); 294 (*amici*); 304 (confraria dos *Flau*); 305 (*sodalitium urbanorum*); 319 e 327 (herdeiros); 320 (*filiae pientissimae*) e 339 (mortos desconhecidos).

caráter votivo e funerário, enquanto os homens surgem não só nestes tipos, como também em inscrições honoríficas e monumentais. O que, possivelmente, reflete o próprio papel das mulheres numa sociedade em que o seu papel era limitado política e socialmente. Observamos, ainda que dentro do *corpus* de inscrições relacionadas às mulheres notamos que existe uma predominância na presença destas nas inscrições funerárias, contabilizando 87% contra 13% das inscrições votivas. O mesmo acontece no catálogo de epígrafes relacionadas a homens, com 71% de inscrições funerárias e 23,4% de votivas, resultados que refletem o próprio *corpus* epigráfico da cidade, no qual cerca de 61,5% (56) são de caráter funerário e 33% (30) votivo.

Figura 2 - Representação de homens e mulheres nos diferentes tipos de inscrição



Outra característica que podemos identificar acerca da representação do gênero feminino no hábito epigráfico da cidade está relacionada com a possível cronologia de cada inscrição. Desta forma, para percebermos os momentos em que a mulher bracaraugustana aparentemente participa mais deste costume, delineamos um gráfico, visível na Figura 3, que segue as médias de epígrafes erigidas a cada 50 anos, apresentando os resultados referentes a todas as inscrições encontradas na cidade, quer aquelas onde figuram homens, quer as que apresentam mulheres. Desta forma, podemos obter os números máximos e mínimos de monumentos que foram erigidos desde a segunda metade do século I a.C. até a primeira metade do século IV d.C. e fazemos uma média destes valores, para uma aproximação mais correta do que pode ter sido no passado.

Figura 3 - Os gêneros e o hábito epigráfico (em quantidade de inscrições)

Verificamos que a presença do gênero feminino neste dossiê epigráfico (Fig. 3) parece ter sido mais frequente durante a 2ª metade do século I d.C., atingindo seu ápice no século II d.C. e sofrendo um ligeiro decréscimo a partir da primeira metade do século III d.C. Assim, constatamos que o hábito epigráfico delineia uma curva diferenciada da trajetória da representação masculina e da linha representativa de todas as inscrições da cidade. Para a comunidade masculina, verifica-se um crescimento efetivo na segunda metade do século I d.C., atingindo o auge na primeira metade do século II d.C., mas com grande declínio a partir da segunda metade do mesmo século, queda que prossegue nos anos seguintes. Este desenvolvimento acompanha o do próprio crescimento e declínio do hábito epigráfico da cidade, que surge nos finais da segunda metade do século I a.C., atinge o apogeu no final da segunda metade do século I d.C. e durante a primeira metade do II d.C., decrescendo a partir da segunda metade deste século.

Ainda outro interessante aspecto que conseguimos analisar com este gráfico relaciona-se à representação do gênero feminino desde a segunda metade do século I d.C. até à primeira metade do século III d.C., ou quiçá até à segunda metade se afigura constante. Um resultado condicionado, admissivelmente, pela sua presença maior em inscrições funerárias e votivas que representavam necessidades essenciais da comunidade em todos os períodos. Constatamos também que, apesar do número de inscrições onde se representam homens ser quase sempre maior do que aquele nas quais figuram mulheres, na primeira metade do século I d.C., aquelas são cerca de quatro vezes mais frequentes que estas. No período correspondente à segunda metade do século I d.C. e primeira metade do século II d.C. esse número é três vezes superior, decrescendo para duas vezes

nos 50 anos seguintes, diminuindo cada vez mais até se tornar igual nos finais do século III d.C., quando a ereção de monumentos epigráficos perde a importância face a outros meios de demonstração de *status*.

Quanto à representação das mulheres procuraremos verificar se estas foram identificadas nas inscrições, se estavam representadas com outras pessoas e também quais as relações sociais e sentimentais entre elas e o seu estatuto jurídico.

Observamos que a mulher *bracaraugustana* aparece representada sozinha ou apenas com outras mulheres em 13 inscrições,⁵ sendo apenas numa que estão figuradas mãe e filha, na qual *Materna* erigiu o monumento para *Paterna*, de 19 anos (REDENTOR, 2011, 2, n. 279).⁶ Verificamos, também, a predominância de mulheres cidadãs (*ingenui*), que correspondem a 7 casos, enquanto 3 são peregrinas, 3 libertas e 1 escrava, representadas em inscrições ligeiramente mais frequentes durante a segunda metade do século I d.C. e a primeira metade do século II d.C. Além destes monumentos epigráficos nos quais, em alguns casos,⁷ as mulheres teriam tido um papel ativo na sua encomenda, vemos 2, nos quais foram as mulheres quem mandaram colocar as inscrições para os seus companheiros, como podemos ver nos *tituli*: de *Camilius Eutyichianus* e de *Valerius Siberius* (REDENTOR, 2011, 2, n. 229 e 314, respetivamente).

No entanto, em 15 inscrições (REDENTOR, 2011, 2, n. 215, 228, 229, 242 e 314), as mulheres aparecem associadas a homens, que podem ser seus filhos, pais, avôs ou companheiros. Um conjunto de inscrições onde podemos observar alguns casos curiosos são o da estela de *Vic[aria] Proba* e de outro falecido (REDENTOR, 2011, 2, n. 317), na qual a relação entre esta e *Publicius Crescens* acontece possivelmente pelo pai, também um possível liberto público, como apontado por Armando Redentor (2011, 1, p. 108-109), o do monumento que refere *Encratis* (REDENTOR, 2011, 2, n. 242), que parece ser um companheiro de servidão, ou ainda o monumento funerário de *Pinarea* e *Paugenda*, filhas de *Triteus* (REDENTOR, 2011, 2, n. 285). Nesta inscrição, vemos a filha de *Pinarea*, *Camala* e seus primos, filhos de *Paugenda*, a lavrar o monumento às suas mães (REDENTOR, 2011, 1, p. 192). Igualmente interessante é também a inscrição pela saúde

⁵ Armando Redentor (2011, 2, n. 22, 146, 162, 191, 195, 220, 258, 262, 279, 284, 306, 310, 316).

⁶ Nesta idade, provavelmente, esta não seria considerada mais criança, pois segundo Harlow e Laurence (2005, p. 56) a possível época para o seu casamento seria quase no início dos vinte anos.

⁷ Mencionamos como alguns, pois mesmo se a mulher estivesse sozinha, não podemos ter a certeza de que o monumento haveria sido mandado colocar por ela. Afinal, como menciona Harlow e Laurence (2005, p. 54), neste período, raramente existiam mulheres independentes que não fossem influenciadas pelas decisões de seus pais, maridos, irmãos ou filhos. Desta forma, mantemos aqui uma ressalva no caso da única criança do sexo feminino identificada nas inscrições de *Bracara Augusta*. Na placa funerária de *Aemilia Lougo*, filha de *Caius* (REDENTOR, 2011, 1, n. 191), uma criança de 10 anos do sexo feminino, não teria condições financeiras próprias para mandar erigir um monumento epigráfico, necessitando de outro membro da família para o fazer.

de *Triarius Maternus* e de sua filha *Procula* (REDENTOR, 2011, 2, n. 66), encomendada por um membro da comitiva daquele *legatus iuridicus* (REDENTOR, 2011, 1, p. 99 e n. 20). É igualmente digna de destaque uma estela, na qual figuram os nomes de quatro gerações de uma família peregrina (REDENTOR, 2011, 2, n. 232), na qual se representa uma mulher, *Meditia*, filha de *Medamus*, seu pai e seu avô, todos com indicativo de filiação (REDENTOR, 2011, 1, p. 190).

Fora estes casos específicos encontramos as mulheres quase sempre associadas a seus companheiros e/ou filhos, ou muito mais raramente ao pai, como na estela de *Albura*, filha de *Carisius* (REDENTOR, 2011, 1, p. 192 e REDENTOR, 2011, 2, n. 194). De fato, elas aparecem mais representadas com os companheiros, relação presente em 5 epígrafes (REDENTOR, 2011, 2, n. 223 e 294) contra 2 (REDENTOR, 2011, 2, n. 204 e 236) onde aparecem figuradas somente com os filhos e outras 2 quando aparecem mencionadas com ambos.⁸ Destas mulheres, que estão associadas a homens, observamos uma predominância de peregrinas e libertas, com 6 mulheres identificadas em 4 inscrições no primeiro caso (REDENTOR, 2011, 2, n. 194, 204, 232 e 285) e 4 no segundo (REDENTOR, 2011, 2, n. 215, 229, 236 e 317), sendo seguidas por 3 cidadãs de pleno direito (REDENTOR, 2011, 2, n. 66, 223 e 228) e 2 servas.⁹ Observamos, também, que são mais frequentes durante a segunda metade do século II d.C.

À parte estes monumentos, onde a mulher está associada a homens ou a outras mulheres, também parece necessário mencionar um caso especial, no qual uma mulher, *lunia Seuera* (REDENTOR, 2011, 2, n. 245), uma possível liberta, aparece numa relação de *dominatio* na onomástica do falecido *Faustus* (REDENTOR, 2011, 1, p. 163-164 e 205). Trata-se de um monumento datável do século I d.C., e o único em toda a fachada ocidental bracarense, tal como foi mencionado por Armando Redentor (2011, 1, p. 163-164), que declaradamente atestaria um escravo pertencente a uma mulher.

No total das 31 mulheres identificadas no *corpus* da área urbana de *Bracara Augusta* estão representadas, segundo a classificação de Armando Redentor (2011): 10 cidadãs de pleno direito, 9 peregrinas, 8 libertas e 3 servas, sendo de destacar, como seria de se esperar, uma presença maior de mulheres de onomástica quiritária e peregrina, pois teriam melhores condições financeiras que as escravas. No entanto, esta composição diferencia-se um pouco da dos homens, cujo estatuto jurídico predominante é o peregrino (com 49 indivíduos), seguidos pelos cidadãos (com 33), libertos (com 13), servos (com 8).

⁸ Na epígrafe a *Pinarea* e *Paugenda* (REDENTOR, 2011, 2, n. 285) estão representadas 3 mulheres.

⁹ A estela de *Quintus* e *Catura* (REDENTOR, 2011, 2, n. 294) e a epígrafe de duas falecidas desconhecidas (REDENTOR, 2011, 2, n. 320) não foram aqui contabilizadas por não ser possível enquadrá-las em um estatuto jurídico e social, através da onomástica apresentada.

Todavia, mantêm-se uma maior presença de homens e mulheres de onomástica quirítaria e peregrina no hábito epigráfico.

Quanto às informações oferecidas sobre a configuração profissional dos habitantes de *Bracara Augusta* representados nas inscrições, precisamos levar em conta, o que seria caracterizado, como profissão. Esta seria utilizada quando o ofício implicava determinada criação tangível, que seria obtida pela aplicação de um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos e de uso específico numa credenciação profissional mais ou menos especializada (GIMENO PASCUAL, 1988, p. 5; REDENTOR, 2011, 1, p. 281).¹⁰ Desta forma, sublinhamos a indicação de profissões implícitas nas decorações de 2 delas, sendo esta informação referente apenas ao gênero masculino. Nestas figurariam possíveis mosaicistas (REDENTOR, 2011, 1, p. 286-287; REDENTOR, 2011, 2, n. 192)¹¹ e pessoas possivelmente ligadas aos jogos de gladiadores (REDENTOR, 2011, 1, p. 295-296; REDENTOR, 2011, 2, n. 260).¹² O gênero feminino, no entanto, só aparece com a menção de um cargo religioso exercido e não de uma profissão, como acontece com *Lucretia Fida* (REDENTOR, 2011, 2, n. 162), sacerdotisa conventual perpétua de Roma e Augusto.¹³ Este cargo religioso surge igualmente referido numa epígrafe dumiense (REDENTOR, 2011, 2, n. 166), na qual é referido um sacerdote do culto Imperial, possivelmente domiciliado em *Bracara Augusta* (REDENTOR, 2011, 2, p. 151-152, p. 173 e p. 199).

Após esta breve análise das questões relacionadas com a configuração social, profissional e de gênero da população urbana e as características gerais do *corpus* epigráfico, acreditamos que seria útil também perceber como os *bracaraugustani* lembravam de seus parentes falecidos. Esses dados podem ser analisados através dos *elogia*, presentes em algumas inscrições, que podem refletir não só a intenção de apontar um modelo de conduta do defunto, como também corresponder a uma “moda” cultural de certo período (FERNANDES, 1998-1999, p. 137), ou até mesmo servir para apaziguar o espírito do defunto, para evitar que este atrapalhasse o mundo dos vivos (ENCARNAÇÃO, 1984, p. 786; FERNANDES, 1998-1999, p. 137). Desta maneira, analisaremos os qualificativos laudativos que estão presentes nas inscrições funerárias relacionadas com homens e mulheres, para compreender melhor a mentalidade da comunidade bracaraugustana.

¹⁰ Sendo assim, não mencionamos aqui cargos ou funções administrativas, religiosas e militares, já discutidas extensivamente em Tranoy e Le Roux (1989-1990), Tranoy (1980;1981) e Redentor (2011).

¹¹ Para uma explicação sobre as diferentes interpretações da iconografia da inscrição n. 192 cf. Armando Redentor (2011, 1, p. 286- 287).

¹² Para uma descrição mais detalhada desta interpretação ver Armando Redentor (2011, 1, p. 295-296).

¹³ Este cargo envolvia o culto das *divae* e *Augustae* a nível conventual, sendo o seu título possivelmente escolhido por uma assembleia e não por casamento com outro sacerdote do culto imperial. O adjetivo *perpetua* também poderia ser honorífico, relacionado a uma eventual manutenção de privilégios durante toda a sua vida (ÉTIENNE, 1958, p. 194-195; REDENTOR, 2011, 1, p. 409).

Tabela 1 - Os qualificativos laudativos na Epigrafia da área urbana de *Bracara Augusta*

| Referências | Dedicantes | Defuntos | Qualificativos | Idade | Cronologia ^a | Estatuto |
|---------------------------|-------------|---------------------------------|--|-------|-------------------------|-----------------|
| REDENTOR, 2011, 2, n° 215 | Marido | Esposa (<i>coniux</i>) | <i>Benemerenti</i> | 50 | 101-200 | Liberta e Servo |
| REDENTOR, 2011, 2, n° 223 | Filho | Mãe | <i>Optima; Carissima; Femina incomparabilis pietas</i> | - | 131-270 | Cidadãos |
| REDENTOR, 2011, 2, n° 228 | Marido | Esposa (<i>coniux</i>) | <i>Carissim(a)</i> | 50 | 151-230 | Cidadãos |
| REDENTOR, 2011, 2, n° 242 | Homem | Mulher (sem relações expressas) | <i>Pii(s)simae</i> | - | 131-270 | Servos |
| REDENTOR, 2011, 2, n° 279 | Mãe | Filha | <i>Carissima; Pientissima</i> | 19 | 201-270 | Cidadãs |
| REDENTOR, 2011, 2, n° 294 | Pai ou Mãe? | Filho | <i>Pius; Obsequius patri; Felix in amicis</i> | - | 131-230 | <i>Incerti</i> |
| REDENTOR, 2011, 2, n° 314 | Esposa | Marido (<i>marito</i>) | <i>Pi'e[ntiss]imus</i> | 70 | 151-270 | Serva e Liberto |
| REDENTOR, 2011, 2, n° 320 | Pai ou Mãe? | Filhas | <i>Pie[nt]issimae</i> | - | 131-270 | <i>Incerti</i> |

^a De acordo com Redentor (2011, 2).

Ati

Como podemos ver nesta Tabela 1, detetamos 6 exemplos de qualificativos gravados em 8 inscrições, sendo estes: *pius/ piissimus/ pientissimus/ pientissimus/ femina incomparabilis pietas* (6 vezes); *carissimus* (3 vezes); *optimus* (1 vez); *benemerens* (1 vez); *obsequius* (1 vez); e *felix in amicis* (1 vez), ocorrendo em inscrições onde estão quase sempre representadas mulheres.¹⁴ Notamos com esta análise que, à semelhança do constatado por Luís Fernandes (1998-1999, p. 135) sobre o *conuentus scallabitanus*, parece existir uma preferência pelos termos relacionados com a *pietas* (dedicação) (46, 2% do total). Contudo, ao contrário do que acontece no referido convento da Lusitânia, o segundo qualificativo mais utilizado é *carissimus* (23%), correspondendo os restantes a 7,7 % cada.

O qualificativo de maior predominância (relacionado à *pietas*) é mais vezes mencionado para elogiar mulheres, apesar de ser sempre mencionado no elogio a

¹⁴ Falamos em quase sempre, pois na inscrição de Maximinos (REDENTOR, 2011, 2, n. 294), não temos a certeza se o dedicante é o pai ou a mãe, apesar de só ser citada a mãe.

homens, o que poderia significar um costume estereotipado que seguiria uma possível moda de determinado período para refletir as relações familiares. Quanto às relações sentimentais entre os dedicantes e os falecidos são mais frequentes entre pais (ou mães) e filhos(as) (em 4 inscrições) do que entre marido e esposa (em 1) ou entre pessoas de relacionamento desconhecido (em 1), sendo que este qualificativo é usado principalmente para caracterizar a devoção filial feminina (em 2).

Sobre o qualificativo *carissimus* (muito estimado), o segundo mais utilizado, notamos que os falecidos são sempre mulheres e os dedicantes são maioritariamente homens (em 2 inscrições contra 1 dedicada por mulher). Quanto às relações sentimentais demonstradas, vemos uma predominância na relação filial-maternal (em 2 inscrições) sobre a marital (em 1). No entanto, como cada um dos casos é diferente, não podemos dizer se é mais utilizado para caracterizar a mãe, a filha ou a esposa.

Quanto aos restantes epítetos, podemos dizer que *optima* (muito boa) apresenta-se somente uma vez, no feminino, numa relação entre o dedicante filho e a falecida mãe. *Benemerens* (bem merecida) também aparece somente num epítáfio para qualificar uma esposa. Já *obsequius patri* e *felix in amicis* (obediente ao pai e feliz nas amizades), presentes no *carmen* funerário de *Quintus* (REDENTOR, 2011, 2, n. 294) aparecem para qualificar uma criança do sexo masculino, sendo o dedicante possivelmente sua mãe ou pai, seguindo assim a fórmula de uma poesia, que obviamente se diferenciaria daqueles outros qualificativos laudativos.

Com esta Tabela 1 também conseguimos observar que em duas inscrições o falecido possui mais que um qualificativo, estando presentes 2 a 3 qualificativos. O epítáfio que possui dois qualificativos é dedicado por uma mãe à sua filha, com elogios como *carissima* e *pietissima*, sempre no superlativo. O grupo que apresenta 3 qualificativos é composto por 2 inscrições, nas quais numa o dedicante é um filho que elogia a sua mãe como: *optima*, *carissima* e *femina incomparabilis pietas* e, noutra, uma mãe ou um pai ao filho que o chama de *pious*, *obsequius patri* e *felix in amicis*, havendo a utilização do superlativo apenas no primeiro caso. A utilização de superlativos é, portanto, uma prática comum nos qualificativos laudativos dos epítáfios de *Bracara Augusta*, estando presentes em 6 inscrições, encontrando-se associados aos qualificativos relacionados à *pietas* (4 vezes), o que era de se esperar devido à frequência com que aparece nos epítáfios, sendo seguido pelo epíteto relacionado à estima, que aparece, no superlativo, em 3 inscrições.

Quanto ao período em que estes qualificativos laudativos são mais utilizados, podemos dizer que acontecem desde o início do século II a finais do III d.C., comprovando a cronologia que Redentor (2011, 1, p. 74). Vimos que estes são mais frequentes entre a segunda metade do século II d.C. e a primeira metade do século III d.C. Períodos, estes,

posteriores ao auge do hábito epigráfico na cidade, quando o número de monumentos decrescem, sendo substituídos por outras formas de expressão de *status*, como os luxuosos equipamentos nos espaços privados das *uillae* (ALFÖLDY, 1998, p. 298).

Sobre as inscrições com qualificativos laudativos podemos concluir, então, que estes se relacionam principalmente com a relação familiar, já que só numa inscrição não é mencionado qualquer relacionamento e que os dedicantes destas inscrições são com mais frequência homens (4 inscrições) do que mulheres (2). E, também, que os falecidos elogiados são mais mulheres (6 monumentos) do que homens (2). O período de auge deste costume de elogiar o falecido corresponde a um momento em que o próprio hábito epigráfico já tinha perdido força como veículo de auto representação.

Considerações finais

Com esta análise conseguimos vislumbrar uma parte do dinamismo da cidade e de sua sociedade, mostrando algumas características da população e de seus costumes. Entendemos um pouco melhor a mulher bracaraugustana, mas sublinhamos as dificuldades em revelar mais informações sobre o seu cotidiano e a sua relação com seus parentes e amigos, facto que resulta do reduzido volume de informação epigráfica de *Bracara Augusta*.

Verificamos que o gênero feminino figurava em 3 vezes menos inscrições que o masculino e que elas só apareciam em *tituli* de caráter votivo e funerário, com maior presença neste último, enquanto os homens são referidos tanto nesse tipo de inscrições como nas monumentais e honoríficas. Observamos, também, que a participação da mulher no hábito epigráfico é muito inferior à masculina, possuindo apenas um ligeiro crescimento na primeira metade do século II d.C. Constatamos igualmente que, dentre as 31 mulheres figuradas, a maioria era composta por cidadãs de pleno direito e peregrinas, que teriam mais condições financeiras do que as servas e libertas. Percebemos que em 13 inscrições estas são apresentadas sozinhas e que essa situação é também predominante tanto em cidadãs, como peregrinas. Entretanto, observa-se igualmente que quando estão acompanhadas por homens, os estatutos mais representados mudam, figurando mais peregrinas e libertas. Também apuramos que a apresentação das mulheres sozinhas neste ínfimo *corpus* é mais frequente durante a 2ª metade do século I d.C. e a primeira metade do século II d.C., sendo mais frequente apresentarem-se em companhia na segunda metade do século II d.C., curiosamente durante o início do declínio do hábito epigráfico na cidade. Por fim, constatamos dados já revelados noutros trabalhos (TRANOY, 1981; REDENTOR, 2011) de que as funções ou cargos religiosos femininos são raros, enquanto

os masculinos relacionados ao exército e às funções administrativas são um pouco mais frequente. Por último, sublinhe-se que durante a segunda metade do século II d.C. e a primeira metade do III d.C., os *bracaraugustani* aderiram mais aos qualificativos laudativos para elogiar as mulheres falecidas, que quase sempre eram parte de sua família, tal como aconteceu em toda a Hispânia, de acordo com Armando Redentor (2011, 1, p. 74).

Sendo assim, mesmo com um pequeno *corpus* de trabalho e com todas as dificuldades de manejo da pouca informação que este nos oferece, conseguimos vislumbrar um pouco mais do modo como as mulheres de *Bracara Augusta* estão refletidas no hábito epigráfico. Compreendemos, igualmente, um pouco melhor as suas relações sociais e jurídicas, assim como as suas atividades na comunidade e o modo como foram lembradas pelos seus entes queridos quando faleceram.

Referências

- ALBERTOS FIRMAT, M. La mujer hispanorromana a traves de la Epigrafia. *Revista de la Universidad Complutense (Homenaje a Garcia Bellido III)*, v. XXVI, n. 109, p. 179-198, 1977.
- ALFÖLDY, G. La cultura epigráfica de la Hispania Romana: Inscripciones, auto-representación y orden social. In: ALMAGRO-GORBEA, M; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. (Orgs.). *Hispania: el legado de Roma. El año de Trajano*. La LonjaZaragoza: IberCaja, 1998, p. 289-301.
- BUSTAMANTE, R. Práticas culturais no Império Romano: entre a unidade e a diversidade. In: MENDES, N. M.; SILVA, G. V. (Orgs.). *Repensando o Império Romano: perspectivas socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 109-133.
- CARVALHO, H. *O Povoamento romano na fachada ocidental do conuentus Bracarenensis*. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, 2008.
- ENCARNAÇÃO, J. *Inscrições romanas do Conuentus Pacensis*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra, 1984.
- ÉTIENNE, R. *Le Culte Impériale dans la Península Ibérique d'Auguste à Dioclétien*. Paris: Boccard, 1958.
- FERNANDES, L. A presença da mulher na Epigrafia do *Conuentus Scallabitanus*. *Portugalia*. Nova Série, v. XIX-XX, p. 129- 228, 1998-1999.
- GIMENO PASCUAL, H. *Artesanos y Técnicos en la Epigrafia de Hispania*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 1988.
- HARLOW, M.; LAURENCE, R. *Growing up and growing old in Ancient Rome: A life course approach*. New York: Routledge Francis e-library, 2005.

- MACMULLEN, R. The Epigraphic Habit in the Roman Empire. *The American Journal of Philology*, n. 3. v.103, p. 233-246, 1982.
- MARTINS, M. *Bracara Augusta: a cidade romana*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 2000.
- MARTINS, M.; RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F.; BRAGA, C. Urbanismo e Arquitetura de Bracara Augusta: Sociedade, Economia e Lazer. In: RIBEIRO, M.; MELO, A. (Coords.). *Evolução da Paisagem Urbana: Sociedade e Economia*. Braga: CITCEM, 2012, p. 29-67.
- MENDES, N. O espaço urbano da cidade de Balsa: uma reflexão sobre o conceito de romanização. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, ano IV, n.1, p. 1-19, 2007.
- MENDES, N.; BUSTAMANTE, R.; DAVIDSON, J. A experiência imperialista romana: teorias e práticas. *Tempo*, n. 18, p. 17-41, 2005.
- REDENTOR, A. *A cultura epigráfica no Conuentus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis)*. 2011. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.
- REVELL, L. *Roman Imperialism and Local Identities*. New York: Cambridge University Press, 2009.
- TRANOY, A. Religion et Société à Bracara Augusta (Braga) au Haut-Empire Romain. *Revista de Guimarães. Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, v. III, p. 67-84, 1980.
- _____. *La Galice Romaine: Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*. Paris: Diffusion de Bocard, 1981.
- TRANOY, A.; LE ROUX, P. As necrópoles de *Bracara Augusta*. B. Les inscriptions funéraires. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, n. 6-7, p. 187-230, 1989-1990.
- VÁZQUEZ HOYS, A. La mujer en la epigrafía religiosa Hispano-Romana. *Cuadernos de prehistoria y arqueología*, n. 9-10, p. 107-150, 1982-1983.
- WOOLF, G. Monumental Writing and the Expansion of Roman Society in the Early Empire. *The Journal of Roman Studies*, v. 86, p. 22-39, 1996.